MESSIANISMO E FIGURAÇÕES LITERÁRIAS – O CASO DOS *MUCKERS* *

Marilene Weinhardt**

Pôs-se então Jacobina a perguntar com voz firme e festiva:
"Encontra-se alguém aqui não acreditando que eu seja Cristo? - Que se erga e fale!" [...]
Um afável sorriso passou a transformar as feições de Jacobina:
"Pois bem, sois todos os meus queridos!"
Com o que se pôs a ler um trecho da Sagrada Escritura, fazendo-o desajeitada como sempre. Era aquele que trata da traição de (São) Pedro. Então dirigiu mais ou menos estas palavras à gente reunida:
"O que acabais de ouvir, não vem a ser real, mas profético. A realidade verifica-se agora entre nós. Fui chamada, faz seis anos, por um espírito para o alto da montanha. Disse-me ele que eu era Cristo. Mas, dizia-me ele, que eu devia guardar segredo até que fosse chegar o tempo oportuno. Meu irmão Francisco teria de compor o escrito de como tudo devia dar-se a ocorrer. Em questão de poucos anos o mundo, i.é, a humanidade, teria seu fim. Só os eleitos haveriam de ficar".

Ambrósio Schupp

* A primeira versão deste trabalho foi apresentada em uma sessão temática sobre Literatura e Religião no 1° Congresso de Humanidades – UFPR, 2000.

** Universidade Federal do Paraná

As diferenças entre o corpo doutrinário de uma religião e os modos de manifestação de fé dos crentes, às vezes atingindo proporções de choque, é fenômeno corrente a ponto de se tornar óbvio. A presença e a importância do sagrado nas comunidades ditas primitivas foram estudadas por antropólogos à larga. A referência à religiosidade do povo brasileiro é um lugar comum. Assim, não é surpreendente que convulsões sociais registradas na história do país apresentem um forte componente místico-religioso de caráter messiânico, com marcas claras de milenarismo. Vale lembrar que "dois fatos sociais diferentes são designados pelo termo messianismo: a crença na vinda de um enviado divino que trará aos homens a felicidade, a paz, condições novas e mais felizes de existência, 'a Idade do Ouro' enfim; e a ação de todo um grupo obediente às ordens de um líder de origem sagrada, com o objetivo de alcançar sobre a terra esse estado de felicidade sonhado."[1] O milenarismo pressupõe essa mesma noção de Idade do Ouro, mas conjuga-se à datação do fim dos tempos, criando a expectativa de que o Juízo Final seja "precedido pelo reinado de Cristo por mil anos, período de paz, justiça e abundância."[2] Retomando o raciocínio sobre a implicação entre religiosidade e revoltas sociais de certos espaços temporais e geográficos do Brasil, o que não parece tão facilmente aceitável, embora encontre explicação se considerarmos a história político-social da nação, é o tratamento dispensado a esses movimentos pelos poderes constituídos, a ponto de transformá-los em sublevações que levaram à convocação do Exército Nacional. Assim foi entre 1872 e 1874, no Rio Grande do Sul, com os *muckers*; assim se repetiu em 1896-97, no interior da Bahia, em Canudos; do mesmo modo voltou a acontecer em territórios da fronteira entre Paraná e Santa Catarina, de 1912 a 1916, nos episódios que receberam a denominação de Contestado.

No ensaísmo histórico oficial, praticamente única voz ouvida até a alguns anos nos resgates do passado que tinham acolhida nos estabelecimentos de ensino – outras possibilidades ficando relegadas à tradição familiar, eventualmente estendidas à esfera comunitária –, os três movimentos receberam tratamento em que se encarecia o caráter sedicioso e de manifestação de barbárie. Com a separação entre Igreja e Estado, conseqüência da instalação do regime republicano, parece que houve a suposição de que estava também extinguindo-se por decreto a religiosidade do povo. Ainda mais: parece que foi considerado

1 QUEIROZ, M. I. P. *Guerre Sainte au Brésil*: le mouvement messianique du Contestado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1957. Boletim n. 187, p. 209 (a tradução é de minha responsabilidade).

2 FRANCO JÚNIOR, H. *Peregrinos, monges e guerreiros*. São Paulo: Hucitec, 1990. p. 64.

que o estudo dos fenômenos histórico-sociais podiam prescindir desses dados de caráter antropológico. Registremos a exceção representada pela voz de Euclides da Cunha, que certamente contribuiu de forma decisiva na transformação do acontecimento da Guerra de Canudos em fato histórico, a ponto de fazer sombra às representações, ficcionais ou não, que buscam iluminar os episódios semelhantes. Mas vale lembrar também que a obra *Os sertões* manteve seu lugar nas estantes das bibliotecas mais pelo exercício estilístico do que pela leitura de Brasil que propõe. Superadas as teorias históricas e antropológicas que enformavam a visão do engenheiro-jornalista, fora da seara literária, sua produção caiu no esquecimento, quando não foi francamente desprezada. É somente na segunda metade do século XX que, munidos de outro instrumental, os estudiosos das ciências humanas vão se dedicar sistematicamente à busca de explicações para a resistência desses habitantes do interior brasileiro, quer sejam denominados sertanejos, fanáticos ou jagunços. Só então serão levantados e considerados elementos de outras ordens que não a pura e simples contestação ao governo, a luta pelo poder, o fanatismo religioso como produto do atraso e o suposto dever da civilização de enfrentar e derrotar a barbárie.

Os ficcionistas não se furtaram ao apelo desse campo aberto ao imaginário, avivado pelo potencial disponível em dois aspectos: luta fratricida e guerra entre patrícios. Nessa produção, não é possível, levando em consideração datas de publicação, detectar atenção particular ou atualização com os rumos dos estudos históricos e antropológicos, no sentido de acompanhar tendências de época perceptíveis nessas duas áreas do conhecimento. Os ficcionistas nem sempre, quem sabe quase nunca, estão compassados com os avanços das áreas de conhecimento vizinhas. Com maior ou menor força, são representações que se podem permitir ocupar-se dos componentes de caráter subjetivo – convencionalmente prerrogativa da ficção, sem compromissos com datas e fatos, que se julgava matéria da história –, usando a liberdade e a exploração do imaginário que as teorias da história herdeiras do positivismo supunham interditas ao historiador. O questionamento e a subversão das explicações oferecidas pelas abordagens históricas factuais são tímidos na maioria dos casos, mas provocam a desestabilização do estatuído ao deixar outras vozes falarem em tom audível.

A via da representação literária para os acontecimentos de Canudos já foi freqüentada em 1897, portanto praticamente no presente do episódio. Entre outubro e novembro desse ano, o *Comércio de São Paulo* publica *Os jagunços*, "novela sertaneja", conforme registra o subtítulo, em folhetins diários, sob o pseudônimo Olívio de Barros. No ano seguinte, saiu em volume, com tiragem limitada a cem exemplares. A reedição acontece em 1969, postumamente, com

o lançamento da *Obra completa* do autor, Afonso Arinos de Mello Franco.[3] O texto não se destaca pela fatura estética, mas, da perspectiva desta abordagem, merece registro por criar um enredo em que se procura evidenciar o modo de ser do sertanejo para, se não justificar, pelo menos entender sua atuação na resistência de Canudos.

Antônio Conselheiro e seus adeptos atraem vários outros romancistas, inclusive um nome da cena literária internacional: Vargas Llosa publicou *A guerra do fim do mundo* em 1981.[4] O último lançamento nacional de que tenho registro a focalizar ficcionalmente o episódio é *A casca da serpente* (1989), de José J. Veiga,[5] que não se detém exatamente no mesmo tempo/espaço porque figura um Conselheiro sobrevivente ao período da luta, migrando e fundando outra comunidade, agora não mais nos padrões arcaicos que historicamente se atribuiu à sua prática, mas modificando-se progressivamente e entrando na modernidade. É um exemplo do que se vem chamando de romance pós-moderno.[6]

Os romances que situam a ação no Contestado – são vários títulos, ainda que sem repercussão mais expressiva no conjunto das letras nacionais –, via de regra, também centram fogo na criação de um cenário social e humano que permita entender como e porque aquelas criaturas encontraram forças para a resistência na via mística. Ainda que a eleição do momento histórico de luta armada traia um conceito tradicional de causas históricas, nenhum desses ficcionistas olha o passado pelo óculo da história oficial, optando por uma via de marca antropológica, embora nem sempre superem o vezo etnocêntrico. As publicações se concentram em dois períodos: anos 60 e anos 90. Não é difícil perceber a relação com a emergência de temas e lutas sociais dos dois momentos. Os títulos são indicadores da opção pelo morador da região, o suposto revoltoso: *Eles não acreditavam na morte* (datado de 1958, publicado em 1978), de Frederecindo Marés de Souza,[7] *Casa verde*, (1963), de Noel Nascimento,[8] *Geração do deserto* (1964), de Guido Wilmar Sassi.[9] Os dois últimos merece-

3 ARINOS, A. *Os jagunços.* Rio de Janeiro: INL, 1969. (Obra completa).

4 LLOSA, M. V. *A guerra do fim do mundo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

5 VEIGA, J. J. *A casca da serpente*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

6 É um dos sete romances brasileiros, do total de 57 títulos citados, que o crítico norte-americano Seymour Menton, professor de literatura latino-americana, classifica na categoria "novo romance histórico latino-americano", único a merecer abordagem específica (Cf.MENTON, S. *La nueva novela histórica de la América Latina: 1976-1992.* México: Fondo de Cultura Económica, 1993).

7 SOUZA, F. M. *Eles não acreditavam na morte.* Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1978.

8 NASCIMENTO, N. *Casa verde*. São Paulo: Martins, 1963.

9 SASSI, G. W. *Geração do deserto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

ram reedições nos anos 80. Mais recentemente, o período volta a atrair a atenção, na maré da publicação de textos de abordagem histórica, no caso do Contestado, antes com caráter de divulgação do que resultados de novas pesquisas, e ainda com o apelo do fogo reaceso pelas lutas da terra. Nas listagens de lançamentos de títulos de ficção, aparecem os romances *Império caboclo* (1994), de Donald Schüler,[10] e *O bruxo do Contestado* (1996), de Godofredo de Oliveira Neto.[11] Permeando os dois momentos, não é possível, embaraçando na dificuldade de classificação, ignorar a publicação de *Guerra camponesa no Contestado* (1979), texto-montagem de Jean-Claude Bernardet.[12]

Já me dediquei, em trabalhos que estão publicados, a figurações sobre Canudos[13] e sobre o Contestado.[14] Na próxima seção, vou me deter com mais vagar na figuração ficcional do movimento dos *muckers*. Essa revolta encontrou expressão ficcional em *Videiras de cristal*,[15] de Luiz Antonio de Assis Brasil, publicado em 1990.

* * *

O cenário é o morro do Ferrabrás, colônia do Padre Eterno, no município de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Anos 70 do século XIX. Dos três movimentos referidos, é o único que não tem lugar nos primeiros anos da República, mas ainda no período imperial. Os colonos, imigrantes alemães ou descendentes de primeira geração, frustrados com as condições de vida na nova pátria, revoltaram-se contra as instituições, religiosas e laicas. Tiveram a particularidade de centralizar a liderança na figura de uma mulher, Jacobina Maurer, que evolui de leitora da Bíblia a profetisa, chegando a ser (con)fundida com o próprio Cristo. Nada fica devendo, em termos de influência espiritual junto à comunidade, ao Antônio Conselheiro, de Canudos, ou ao *monge* José Maria, do Contestado.

Videiras de cristal associa dois traços freqüentes na ficção de Assis Brasil – os temas históricos e as narrativas de aprofundamento psicológico, centradas sobretudo em figuras femininas – para apresentar, de ponto de vista simpático

10 SCHÜLER, D. *Império caboclo*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

11 OLIVEIRA NETO, G. *O bruxo do Contestado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

12 BERNARDET, J. *Guerra camponesa no Contestado*. São Paulo: Global, 1979.

13 WEINHARDT, M. Os jagunços ou os tortuosos caminhos da nacionalidade. Revista *Letras*, Curitiba, n. 39, p. 47-62, 1990.

14 WEINHARDT, M. *Mesmos crimes, outros discursos?* Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

15 ASSIS BRASIL, L. A. *Videiras de cristal*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. (As citações da obra foram extraídas dessa edição e trarão a indicação *V. C.* e a página no próprio corpo do texto).

em relação aos colonos, um movimento que, na época, conseguiu aglutinar contra si a difícil unanimidade de católicos e luteranos, conservadores e liberais, brasileiros e alemães de cultura letrada.

Desde a epígrafe, buscada no *Journal* de Irmãos Gongourt, fica clara a perspectiva do autor e a sua opinião quanto às relações entre literatura e história: "L' histoire est un roman qui a été; le roman est de l' histoire qui aurait peut être." (*V. C.*) Acrescentando a esse princípio a advertência, constante do posfácio, estarão estabelecidas as convicções que orientam a criação do universo ficcional: "Nunca me passou pela cabeça escrever um romance histórico, muito menos uma história romanceada. Assim, os puristas de plantão devem esquecer o propósito de conferir datas, nomes e eventos; talvez encontrem subvertidos ou mascarados pela fantasia – não tão feérica – do autor!" (*V. C.*, p. 541). Seguem-se indicações de "algumas fontes primárias e outras secundárias", registrando os débitos. Encerrado o texto ficcional, uma "Nota do Autor" informa sobre o fim trágico de João Jorge Maurer, o *Wunderdoktor*, marido de Jacobina, personagem empírica que, no princípio, disputou com ela a liderança. O início das reuniões que originaram as primeiras desconfianças das autoridades e a conseqüente reação se deu em decorrência de suas funções como curandeiro. É transcrito ainda um trecho extraído do diário de um pastor, com nota de rodapé indicando a fonte. O diário registra fatos que mostram que os *muckers* não foram extintos. Esses procedimentos demonstram que o factual é uma preocupação não disfarçada. O registro de datas é raro e os dados históricos e antropológicos aparecem integrados aos recursos ficcionais, mas é evidente que houve acurada pesquisa, centrada sobretudo na ambientação, em textos e também *in loco*, como fica evidenciado nos agradecimentos. A consciência da complexidade do jogo entre literatura e história e a posição quanto a essa relação é integrada ao texto ficcional: "estamos numa operação militar. Isto não é uma página de literatura." A advertência é do comandante, que recebe a resposta de um oficial que é também escritor: "Quando os fatos desaparecem, fica apenas a literatura." (*V. C.*, p. 456)

O diálogo da história com a literatura é reforçado em outra instância, a da história literária. O romance é dedicado a Josué Guimarães. Ora, o tempo ficcional de *Videiras de cristal* situa-se exatamente onde acaba o segundo volume de *A ferro e fogo*,[16] lançamento de 1975. Em alguns trechos que dão conta do ambiente, o leitor pode reconhecer o perfil do universo ficcional de Josué Guimarães.

16 GUIMARÃES, J. *A ferro e fogo II*: tempo de guerra. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 1982.

O narrador organiza o texto de modo a denunciar a violência indistinta entre a ação oficial e a ação dos revoltosos, estes com o atenuante de estarem reagindo à incompreensão da parte dos poderes constituídos. Civilização e barbárie se equivalem e se igualam no plano da ação. A confusão e a troca de posições é explicitada, constituindo-se em preocupação constante de um missionário alemão que, inutilmente, tenta fazer a intermediação. Papel semelhante, igualmente frustrado, é representado por um jovem médico alemão, que desempenha função mais ampla na economia narrativa. Boa parte do texto, inclusive a abertura e o fechamento, é constituída pelas cartas que o médico escreve ao tio protetor que ficara no burgo natal. Com uma atividade epistolar muito próxima do diário, o jovem busca traduzir o que paulatinamente vai apreendendo do novo ambiente, relatando as atividades do Partenon Literário, expondo e analisando as razões da revolta, que não fora entendida nem pelo médico Doutor Hillebrand, nem pelo jornalista Carlos von Koseritz, figuras empíricas, nomes conhecidos como intermediadores dos colonos alemães com as autoridades brasileiras, presentes não só nos registros históricos mas em textos ficcionais. Simbolicamente, o rapaz colhe cactos exóticos para enriquecer a coleção do tio. Sua narrativa, separada graficamente das demais vozes por linhas pontilhadas, como se fossem excertos, cumpre dupla função: sublinha o contraste entre a vida de uma classe socioeconômica na Alemanha e a de seus compatriotas, que não tiveram alternativa de vida senão emigrar, e oferece oportunidade para comentários e explicações.

Outro símbolo é a construção de uma maquete de catedral, a principal ocupação do pastor, enquanto os colonos se matam entre si e enfrentam a ação oficial. Os cuidados com a maquete colocam em evidência uma marca do texto: a pesquisa lingüística. Se, no caso, o acúmulo de termos arquitetônicos é signo da atitude do pastor, em outras passagens, a seleção vocabular soa como um exercício artificial e até pernóstico. Esse narrador aparece em *Videiras de cristal* com relativa freqüência.

A narrativa constrói-se filtrada pelo olhar de personagens secundárias, o que exime o narrador de emitir avaliações, assegurando-lhe suposta imparcialidade. Assim, o leitor conhece a líder Jacobina pelas ações e pela opinião dos outros, sobretudo pelo juízo de seus seguidores, mas também, ainda que em menor grau, pelos representantes do poder oficial, leigo e religioso. A preferência pelo filtro dos crentes permite que o modo de funcionamento daquele universo, dominado pelo maravilhoso, não seja questionado por outra lógica, orientada por conceitos estranhos àqueles valores.

Organizado cronologicamente, o romance é dividido em capítulos, que se subdividem em blocos, funcionando como cenas. Até altura avançada, apare-

cem a origem e a formação dos *muckers*. Quando se verifica o início das hostilidades, a descrição é pormenorizada. Junto com o ingresso do exército no espaço histórico, surge a linguagem militar no discurso. Até aí, o caso era paroquial, de polícia, de disputas locais. O desencontro da ação do exército se dá em todos os níveis: com colonos que também promovem represálias aos fanáticos, com a Guarda Nacional, com a polícia estadual e até entre os oficiais de armas diferentes. Não há vitória dos insurrectos, mas desastres das forças repressivas, agravados pelo desconhecimento da geografia, das peculiaridades da região. Como em Canudos e no Contestado, as normas convencionais da guerra são subvertidas.

Via de regra, a ação violenta não é apresentada diretamente, mas pela narração de alguém. Entretanto, no desfecho, o narrador recorre a um registro de voz que, ainda que não seja oficial de fato por não ser colagem de documento formal, reconhecido como tal pelos historiadores, é construída do ponto de vista do poder, nuançando uma possível visão maniqueísta. Se o Exército, enquanto instituição, interveio desastrosamente, alguns de seus representantes, como indivíduos, mostraram-se suscetíveis aos problemas locais. Da mesma forma, as divisões entre os revoltosos, acirradas no final, não são atenuadas na narração. Não há idealização. Servindo-se da suposta colagem de trechos escritos por um capitão do exército, o oficial-escritor já referido, o discurso questiona: "Mas como descrever uma tragédia sem ser excessivo?" Uma frase resume sua perspectiva: "Sua loucura os levava a atos que poderiam ser chamados de heróicos, não fosse a causa perversa que defendiam, e que acabava por tirar-lhes a vida." (*V. C.*, p. 531) Como representante do poder, ele vê perversão na causa mas, como homem, não só reconhece nos rebeldes uma faceta heróica, como questiona o heroísmo, aproximando-o da loucura. O oficial arremata rasgando sua caderneta de anotações e justificando: " – Tudo muito trágico [...] para ser apenas literatura." (*V. C.*, p. 532) Portanto, o texto do capitão não existe mais, só o do narrador do romance.

***

O estudo das figurações literárias do choque entre a barbárie e a civilização – movimento dos *muckers*, bem como Canudos e o Contestado – oportunizam a discussão sobre o matiz ideológico de cada discurso. O discurso histórico que costumeiramente é identificado como oficial, ignorando a distante lição de Montaigne,[17] que já no século XVI advertia que denominamos como

17 MONTAIGNE, M. Des cannibales. In:_____. *Essais*. Livre 1. Paris: Garnier-Flamarion,

bárbaros àqueles cujas idéias e opiniões não são do nosso grupo, do nosso conhecimento, dos nossos costumes, insiste na qualificação de barbárie como valor negativo, que se contrapõe à superioridade da civilização. O discurso sociológico que visa denunciar essa visão hegemônica, quando tenta assumir a função de porta-voz do oprimido, em geral, cai no extremo oposto e equivalente, ratificando a divisão entre bons e maus, embora com sinais invertidos. Uma lição deixada pela crítica marxista ensina que o discurso literário é ideológico, como qualquer outro discurso. Mas a multiplicidade de vozes presentes no discurso romanesco produz o que talvez possamos chamar de saturação ideológica, ou flutuação de ideologias. A significação surge da convivência e do embate das diversas ideologias que dialogam no interior do romance. Na medida que o universo é constituído de uma multiplicidade de vozes, nenhuma é absoluta.

Não é uma questão de propor o discurso ficcional como capaz de dar conta de uma realidade que escapa ao histórico ou ao sociológico, mas de situá-lo como mais um discurso, este com a singularidade de travestir-se sob os recursos de qualquer outro, eventualmente apresentando-se como histórico ou como sociológico. Daí produzir a ilusão de parecer ideal para assuntos que se mostram fugidios aos instrumentais de outras abordagens. Todavia, o fato de inexistirem estudos satisfatórios sobre determinados assuntos históricos não assegura que estes possam dar bom rendimento ficcional. Para a criação artística, não há assuntos bons ou ruins, mas sim realizações que apenas ratificam o estatuído e aqueles que se constituem em atos culturais perturbadores, que levam ao questionamento e eventualmente a revisões. Em artigo publicado recentemente, Roger Chartier, tratando das aproximações e das divergências de funções entre história e memória, lembra que a primeira deve ser "entendida como um saber crítico e controlável", enquanto a segunda mantém "com o passado uma relação afetiva e militante".[18] Sem esquecermos essa e outras ordens de diferenciações, consideramos que a via da ficção também é uma forma de freqüentação do passado, forma com suas características peculiares, como todas as demais. A particularidade desta é a maneira como se relaciona com o imaginário. A liberdade que tem nesse trato, circulando livremente entre história e memória, assumindo todas as interferências presentes nesta última, permite maiores especulações a respeito da dimensão humana. Nesse sentido, seu instrumental talvez seja mais apto para figurar o *homo religiosus* e seu modo de se relacionar com o mundo. Daí uma das razões para a força, se não de verdade,

1969. p. 254.

18 CHARTIER, R. O século dos hibridismos. *Folha de S. Paulo*, 15 out. 2000. Caderno Mais!, p. 19.

conceito fluido, pelo menos de humanidade dessas obras literárias que presentificam momentos em que o messianismo e/ou o milenarismo afloram e determinam as ações humanas.

RESUMO

Este trabalho investiga os modos de figuração e seus efeitos em textos ficcionais que têm por objeto movimentos messiânicos que se transformaram em luta armada no Brasil. É analisado em particular, *Videiras de cristal*, romance de Luiz Antonio de Assis Brasil, publicado em 1990, que focaliza o movimento dos *mukers*, fato histórico ocorrido no interior do Rio Grande do Sul, entre 1872 e 1874.

Palavras-chave: Ficção histórica contemporânea, messianismo, Luiz Antonio de Assis Brasil.

RÉSUMÉ

Ce travail essaie d'étudier les modes de figuration et ses effets dans des textes fictionnels dont l'objet porte sur les mouvements messianiques qui sont devenus des mouvements de lutte armée au Brésil. On analyse particulièrement *Videiras de cristal*, roman de Luiz Antonio de Assis Brasil, publié en 1990, qui traite du mouvement des *mukers*, fait historique survenu dans l'État du Rio Grande do Sul, entre les années 1872 et 1874.

Mots-clé: Fiction historique contemporaine, messianisme, Luiz Antonio de Assis Brasil.

REFERÊNCIAS

ARINOS, A. *Os jagunços.* Rio de Janeiro: INL, 1969. (Obra Completa).

ASSIS BRASIL, L. A. *Videiras de cristal.* 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

BERNARDET, J. *Guerra camponesa no Contestado*. São Paulo: Global, 1979.

CHARTIER, R. O século dos hibridismos. *Folha de S. Paulo*, 15 out. 2000. Caderno Mais!, p. 19.

FRANCO JÚNIOR, H. *Peregrinos, monges e guerreiros*. São Paulo: Hucitec, 1990.

GUIMARÃES, J. *A ferro e fogo II*: tempo de guerra. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 1982.

LLOSA, M. V. *A guerra do fim do mundo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

MENTON, S. *La nueva novela histórica de la América Latina*: 1976-1992. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MONTAIGNE, M. Des cannibales. In:_____. *Essais*. Livre 1. Paris: Garnier-Flamarion, 1969.

NASCIMENTO, N. *Casa verde*. São Paulo: Martins, 1963.

OLIVEIRA NETO, G. *O bruxo do Contestado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

QUEIROZ, M. I. P. *Guerre sainte au Brésil*: le mouvement messianique du Contestado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1957. Boletim n. 187.

SASSI, G. W. *Geração do deserto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

SCHÜLER, D. *Império caboclo.* Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

SCHUPP, A. *Os muckers*. A tragédia histórica do Ferrabrás. 5. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

SOUZA, F. M. *Eles não acreditavam na morte.* Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1978.

VEIGA, J. J. *A casca da serpente*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

WEINHARDT, M. Os jagunços ou os tortuosos caminhos da nacionalidade. *Revista Letras*, Curitiba, n. 39, p. 47-62, 1990.

_____. *Mesmos crimes, outros discursos?* Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.